Uma promessa de novos ares

Apoio político sólido e economia estabilizada

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

Sociólogo, professor, senador e ex-ministro da Fazenda, 64 anos, o ''paulista'' nascido no Rio de Janeiro Fernando Henrique Cardoso assume a Presidência da República, no dia 1º de janeiro de 1995, sob uma expectativa jamais vista. A economia está praticamente estabilizada. A base de sustentação parlamentar arregimentada para seu governo é a maior desde o bipartidarismo. A escolha do primeiro escalão está sendo feita – como ele alardeia, com orgulho – com independência e atendendo a critérios de competência e experiência.

Fernando Henrique é, assim, a promessa de novos ares no cenário nacional e, especialmente, na capital da República. Seu estilo de comando já foi testado no Ministério da Fazenda e corresponde a serenidade, transparência, muitos debates prévios, mas firmeza na decisão final. Ele, por exemplo, fugiu da fórmula dos ''pacotes'' do regime militar, desprezou o congelamento de preços e salários decretado duas vezes pelo ex-presidente José Sarney e não quis nem ouvir falar em maluquices tipo confisco de poupança, como inovou Fernando Collor de Mello.

O estilo tem origem. Neto, filho e sobrinho de generais, Fernando Henrique tem senso de hierarquia. Estudioso de sólida formação acadêmica, tem paciência e disciplina intelectual. A pincelada de experiência política, adquirida desde sua candidatura ao Senado, pelo MDB, em 1978, deu-lhe o resto: é bom negociador e não joga sua popularidade fora à toa. Tanto que a URV e os demais passos do Plano Real foram fartamente divulgados antes da implantação na prática.

Livre-docente em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1963), ele foi para o Chile no ano seguinte, morou depois na França e, ao retornar ao Brasil, passou a ser professor catedrático da mesma faculdade. Não durou muito. Em 1969, Fernando Henrique Cardoso foi aposentado compulsoriamente e cassado em seus direitos políticos pelo AI-5.

Fez curso de pós-graduação no Laboratoire de Sociologie Industrielle, da Universidade de Paris. Na mesma cidade, anos depois, foi diretor associado de estudos na École de Hautes Études en Sciences Sociales, além de professor-visitante no Collége de France e na Universidade de Paris-Nanterre. Fora da França, lecionou em Cambridge, Stanford e Berkeley.

A entrada do acadêmico na política foi justamente com a candidatura ao Senado em 1978, que lhe rendeu 6,2 milhões de votos em São Paulo, mas só lhe garantiu o mandato em 1983. Explica-se: como suplente, ele teve direito à cadeira apenas quando o titular, Franco Montoro, ganhou as eleições para o governo do estado e assumiu o cargo.

Em 1979, na reformulação partidária decidida pelo regime militar, Fernando chegou a sonhar com a criação de um partido socialista. No final, preferiu continuar na frente PMDB, que julgava ainda o instrumento político mais eficiente para a redemocratização brasileira.

Quinze anos depois, o sociólogo uniu o discurso ao estrondoso sucesso do Plano Real e se tornou imbatível já no primeiro turno, encerrado no dia 3 de outubro de 1994. Acabou eleito com o recorde de quase 35 milhões de votos. À coligação original - PSDB-PFL-PTB – ele juntou ainda o PP e o PL, ainda durante a campanha, e tem o apoio do maior partido do País, o PMDB.

Além de todo esse cacife acadêmico e político, Fernando Henrique tem tudo para agregar um certo charme ao poder federal. Quando foi ministro das Relações Exteriores, antes de assumir a Fazenda, ele introduziu no Itamaraty os velhos saraus que animavam a vida da corte quando a capital ainda era no Rio de Janeiro. Iniciativas desse tipo, que certamente contarão com a ajuda da primeira-dama, a antropóloga Ruth Cardoso, serão muito bem-vindas. O cidadão de Brasília, desde já, agradece penhoradamente.